

“EU SÓ DEIXO DE EXISTIR QUANDO EU MORRER”: A RELAÇÃO ENTRE CORPO E TEMPO NA VELHICE SOB A ÓTICA PSICANALÍTICA

Lucas Brasil Feitosa ¹
Évelyn Morgana de Mélo Alves ²
Evellyn Akidalanda Dandara do Nascimento Medeiros ³
Thamyres Maria Gomes de Almeida ⁴
Juliana Fonseca de Almeida Gama ⁵

RESUMO

O envelhecimento aparece associado a doenças e perdas e é, na maioria das vezes, entendido como um problema médico. Contudo, envelhecer é, racionalmente, um processo que ocorre durante toda a vida, marcado por acometimentos que perpassam o biológico, o psicológico e o social. Assim, por mais que a velhice traga uma série de perdas cognitivas e motoras que promovem limitações para a vida afetiva e social do idoso, algumas dessas perdas podem também ser observadas em outros momentos. A psicanálise, nesse sentido, apresenta recursos para discutir tais transformações, ao defender a ideia de que o inconsciente é atemporal. Argumenta-se, pois, a favor do caráter indestrutível do desejo que não tem idade. As inscrições feitas no inconsciente não se perdem diante da lógica cronológica do passar do tempo, levando a um olhar para além do organismo e voltado ao corpo que é atravessado pelo Outro, pelo desejo. Diante dessa discussão, este artigo trata de um relato dos resultados obtidos nas atividades realizadas durante o Estágio Básico do curso de Psicologia da UEPB, em 2018. A experiência consistiu na vivência de grupos terapêuticos, sob a perspectiva psicanalítica, com idosos participantes do Grupo de Convivência da UAMA. Foi ofertado um espaço de fala aos idosos e, através da análise do discurso, foi feita uma correlação deste material com o referencial teórico utilizado. A experiência permitiu a reflexão acerca dos estigmas associados à terceira idade e, especialmente, a ressignificação dos próprios idosos em relação a seu corpo, ao tempo e aos seus desejos.

Palavras-chave: Envelhecimento, Psicanálise, Corpo, Tempo, Desejo.

INTRODUÇÃO

O envelhecimento é um fenômeno, um processo que ocorre durante a vida, marcado por uma série de acometimentos que perpassam tanto pelo campo biológico, quanto pelo psicológico e social. Conforme afirma Ávila, Guerra & Meneses (2007) citado por Ferreira et.

¹ Graduanda do Curso de Psicologia da Universidade Estadual da Paraíba - UEPB, lbfeitosa1995@gmail.com;

² Graduanda do Curso de Psicologia da Universidade Estadual da Paraíba - UEPB, evelyn.morgana.ma@gmail.com;

³ Graduanda do Curso de Psicologia da Universidade Estadual da Paraíba - UEPB, evellyn.medeirosx@gmail.com;

⁴ Graduanda do Curso de Psicologia da Universidade Estadual da Paraíba - UEPB, tmgomesalmeida@gmail.com;

⁵ Professora orientadora: mestre em Psicologia pela UFPE, professora substituta da UEPB, julianaafgama@gmail.com.

al. (2010), cada indivíduo vivencia esse processo de forma única, podendo este ser influenciado pelo contexto social, cultural e pelo estilo de vida. Na sociedade atual, as produções científicas voltadas para o campo das representações sociais revelam que a ideia de idoso está, geralmente, associada à elementos negativos, como a figura de um sujeito dependente, que necessita de mais cuidados, o que revela, também, a estigmatização do idoso na comunidade (ALMEIDA & CUNHA, 2003 *apud* FERREIRA et. al., 2010).

Ângela Mucida (2004), em sua obra “O sujeito não envelhece”, discute que boa parte desses construtos limitantes sobre a velhice derivam de correntes de pesquisa nas quais há o entendimento de que o corpo estaria marcado, essencialmente, pelo determinismo biológico. Entretanto, por mais que a velhice traga consigo uma série de perdas cognitivas e motoras que promovem limitações para a vida afetiva e social do idoso, algumas dessas perdas podem também ser observadas em outros momentos da vida. Nesse sentido, a autora parte em busca da visão de sujeito ensejada pela psicanálise que, em contrapartida a essa visão essencialista e biologizante, traz um olhar para além do organismo e dá atenção ao corpo que é atravessado pelo Outro, pelo desejo, pelo sofrimento. Um corpo que é habitado por um sujeito com suas particularidades.

Esse Real, avassalador e marcado por uma impossibilidade, acaba atravessando o sujeito das mais diversas formas, perpassando pelo corpo através do tempo. Diferentemente da infância e adolescência, que apresentam perspectivas futuras a serem cumpridas, entende-se que o percurso da velhice desemboca no luto diante das mudanças que ocorrem, uma vez que “não há como impedir esse processo e, sobretudo, não existe uma valorização possível dessa imagem pela qual [...] o idoso poderia se identificar” (MUCIDA, 2004, p. 110). Trata-se do encontro inevitável com uma realidade que não pode ser transformada, com um corpo que não é mais o mesmo e nunca poderá voltar a ser.

A velhice, por não oferecer perspectiva de novas aquisições, apenas de perdas (simbólicas ou reais), exige do sujeito um posicionamento de conformidade e adaptação. Esses fatores são potencializados pela vivência no real do encontro com a finitude, com o limite do tempo. Le Goués (2011) citado por Mucida (2004), afirma que tal limite é ignorado pela libido até o momento em que o fantasma da eternidade vivencia esse encontro. A convicção narcísica do eu nos impede de enxergar a morte como uma ameaça, como algo que pode nos acometer a qualquer momento.

A vivência de uma perda importante e de um processo do luto ou o encontro com o real, são situações que nos levam a refletir sobre o tempo e a finitude da vida. Na velhice,

essas questões assumem um peso maior devido aos conflitos causados pela angústia de aceitar que a eternidade não existe e que a morte é uma certeza para todos. Nesse sentido, o Eu entra em tensão com a ameaça da morte, até então ignorada, e o sofrimento se faz presente.

Partindo desses tensionamentos, o presente artigo se apresenta enquanto desdobramento dos resultados encontrados durante o desenvolvimento do Estágio Básico do curso de Psicologia da Universidade Estadual da Paraíba (UEPB), cujo objetivo foi trabalhar um grupo terapêutico com idosos que frequentavam o Grupo de Convivência da Universidade Aberta à Maturidade (UAMA), vinculada ao campus I da UEPB, sob a perspectiva da psicanálise. Nesse sentido, buscou-se, através de recortes das falas dos idosos ao longo dos encontros, fazer uma correlação com a bibliografia utilizada como referência para o estágio, no intuito de evidenciar sua aplicabilidade, visto que estas falas caracterizam bem as problematizações que serão aportadas.

ENTRE REFERENCIAIS: ENVELHECIMENTO E VELHICE

Tanto para a psicanálise de Freud como para a de Lacan, a tese fundamental do estatuto do sujeito é a de que o inconsciente não envelhece. Todavia, tal tese não recobre as marcas do envelhecimento no corpo, do real da velhice. A psicanálise tem mostrado pouco interesse sobre a clínica do idoso, e uma das razões pelas quais isso ocorre é por uma herança advinda de Freud, que acreditava que na velhice as defesas estariam muito assentadas e não haveria tempo para buscar ressignificações e mudanças. Contudo, há ainda outras razões para a pouca dedicação a este momento da vida, como por exemplo, a ênfase contemporânea na juventude, beleza, autonomia, independência e na habilidade de ser (re)produtivo. Outra explicação para imagem negativa da velhice é também que, para muitas pessoas, interagir com velhos é lembrar-se da proximidade com a morte. (MUCIDA, 2004)

A partir do discurso do médico, podemos afirmar que o envelhecimento é um processo pelo qual todos passam, desde o nascimento até a morte e que não cessa de se inscrever para todo sujeito vivente. Mas, como podemos dizer que alguém é “velho”, “envelheceu bastante”? Quais são os parâmetros que indicam que alguém é velho? Simone Beauvoir evidencia em sua obra “A Velhice” (1990) suas dificuldades em extrair esse conceito. Ela traz dois pontos interessantes para a psicanálise: o real em cena da velhice e os efeitos da cultura sobre a velhice. De acordo com Beauvoir, o sujeito vê seu envelhecimento pelo olhar do Outro ou pela imagem que o Outro lhe devolve. Dessa forma, não existe para o sujeito algo que

demonstre sua velhice de forma palpável, a não ser aquilo que o Outro lhe endereça, como reflexo diante de um espelho (MUCIDA, 2004).

A velhice é determinada de forma diferenciada em cada época ou cultura, sendo marcada por significantes que tentam nomeá-la e que têm efeitos sobre o sujeito. Nessa perspectiva, podemos dizer que a velhice é também um efeito do discurso. Então, o que, de fato é a velhice? Como nos tornamos velhos? Partindo dessa problemática, Mucida (2004) vai recorrer aos apontamentos de Messy (2002), uma vez que de acordo com sua visão, podemos envelhecer, no sentido cronológico, sem passar pela velhice, pois ela não seria algo inevitável, do qual ninguém pode escapar ao fim da vida. Para esse autor, “o envelhecimento constitui-se de diversas perdas e desinvestimentos objetais, bem como de aquisições (investimentos objetais)” (MUCIDA, 2004, p. 29). Entende-se, assim, que a velhice é marcada por perdas de laços com o Outro e impõe ao sujeito o enfrentamento do luto daquilo que foi perdido, e a criação de novas vestimentas para os desejos.

Dando continuidade ao pensamento de Messy (2002), a autora pontua que ele lança duas outras hipóteses sobre a velhice, a de que esta é uma “ruptura brutal de equilíbrio entre perdas e aquisições, e um processo que se caracteriza pela posição do indivíduo como idoso” (MUCIDA, 2004, p. 30). Dito isso, pode-se inferir que um sujeito pode ser cronologicamente velho, ser visto como velho, sem jamais se sentir como um. Nesse sentido, o ponto central deve ser o sentimento de velhice e não a velhice em si. Em ambas as hipóteses, as provocações do autor não ignoram as marcas do real no corpo, o real da velhice, e ao abordar essa questão como uma ruptura brutal, traz à tona as implicações negativas do conceito velhice. Mas se podemos envelhecer sem passar por esse momento, então, como entramos nessa fase?

Para Mucida (2004), entra-se na velhice quando há ruptura com o desejo, quando o sujeito deixa de desejar. É um momento em que o sujeito se vê frente a uma série de limitações, seja devido a perdas cognitivas, motoras ou afetivas, ou até mesmo por estar próximo ao fim da sua vida. Então, do ponto de vista psicológico, a velhice seria um processo em que o Eu do sujeito entra em tensão com o real, ele deve lidar com algo que vem ignorando: a sua própria finitude.

Se para Lacan (1998) o momento formador do eu estaria relacionado ao *estádio do espelho* no qual, inicialmente, a criança possui apenas uma imagem fragmentada de si mesma, sendo necessário o encontro com o Outro para que seja formada uma imagem íntegra de si e, concomitantemente, um eu ideal, Mucida (2004), partindo desse pressuposto, afirma que:

É interessante situar esses dois momentos que se cruzam: da insuficiência à antecipação, pois, em verdade, somos sempre insuficientes em relação a nossa apreensão corporal e antecipamos pelo Outro aquilo que podemos ser, mas esse Outro apenas nos oferece uma imagem antecipada e não uma imagem real de quem nós somos (p. 106).

Isto implica dizer que, apesar da criança considerar o eu como seu próprio ideal, ao encontrar-se com o outro, dá-se início ao percurso direcionado ao resgate da perfeição. “O ideal do eu, portanto, marca o ponto pelo qual o sujeito se verá como visto pelo Outro” (MUCIDA, 2009, p. 107). Ou seja, corresponde ao olhar de aprovação que filtra os atos do sujeito, o qual persevera em suprir sua demanda de amor.

Quando se trata da velhice, é notório o rompimento com a busca por um ideal do eu, prevalecendo a antecipação de um corpo para a morte. O que acontece, por sua vez, é o desejo de destruir essa imagem insuportável que representa a perda da imagem ideal – tanto de seu corpo quanto de seu espaço na sociedade. Aquilo que o sujeito não consegue significar ou, em outras palavras, aquele conteúdo com o qual o sujeito não consegue lidar, reverte-se em sintoma. Está posta, portanto, a relação entre o inconsciente e o corpo, expressa por meio da angústia, tristeza e tédio, que encontram na velhice um campo propício à sua exposição. A angústia, primeiramente, surge através da presença de algo que deveria permanecer oculto, mas que aparece no real para o sujeito. A tristeza consiste em um desinteresse direcionado aos efeitos do inconsciente e o tédio, por sua vez, define-se pela crença de que o tempo é ilimitado (MUCIDA, 2004).

Entretanto, ao alinhar a tese sobre a temporalidade da Psicanálise com a ideia de velhice, a autora reitera que o sujeito não envelhece pois, (...) “tratando-se da realidade psíquica, não existe diferença entre um fato passado e um atual” (p. 18). Os traços marcados em um inconsciente atemporal não se perdem, retroagem e se rearranjam a partir do contato com um real incessante. Por conseguinte, a velhice e o ser velho estão abertos a significações singulares e constantes, já que o que não cessa de se inscrever é articulado e reinscrito a partir das vivências de cada um (MUCIDA, 2004).

METODOLOGIA

Tendo seu início no ano de 2009, a UAMA (Universidade Aberta à Maturidade) tem como objetivo atender um público com mais de 60 anos, visando uma transformação do idoso enquanto cidadão ativo na sociedade em que está inserido, a partir de uma proposta educativa. O curso tem duração de 4 semestres (dois anos) e conta com uma carga horária

(83) 3322.3222

contato@cieh.com.br

www.cieh.com.br

total de 1.400 horas, não havendo necessidade de uma instrução acadêmica formal anterior ao ingresso do curso. Dispõe de 24 disciplinas, sendo estas divididas por eixos, que perfazem os temas sobre: Saúde e Qualidade de Vida, Educação e Sociedade, Cultura e Cidadania, e Arte e Lazer. Quando terminam, os idosos podem retornar à instituição e fazer parte de um grupo de convivência, no qual são propostas diversas atividades que se relacionam com a proposta curricular do curso. Nesse sentido, o público alvo da proposta de estágio foram exatamente esses idosos que frequentam o Grupo de Convivência ofertado pela UEPB – UAMA, no campus I.

Após a realização do convite na UAMA, 17 fichas cadastrais foram recolhidas. Devido ao expressivo número de idosos interessados em participar do projeto, optou-se pela formação de dois grupos em turnos distintos, levando em consideração também a disponibilidade dos estagiários. Tendo em vista o horário marcado pelo idosos como preferível em sua ficha de inscrição e o número ideal de vagas estabelecido previamente (um grupo de oito membros e outro de nove), os estagiários realizaram o convite para o primeiro encontro por meio de ligações. Foram formados, inicialmente, dois grupos – um deles composto apenas por mulheres, com 9 integrantes; e outro misto, sendo 7 do sexo feminino e 1 do sexo masculino, totalizando 8 participantes. Os idosos apresentaram entre 63 e 86 anos. Ao final, diante das desistências e outros impedimentos, formou-se apenas um grupo que se realizava pela manhã, com variação entre 4 e 5 integrantes.

Para fins de registro das informações relevantes obtidas nas vivências realizadas nos encontros do grupo terapêutico, eram utilizados os diários de decurso. A produção contava com a colaboração de cada estagiário que estivera presente nesta vivência. Os grupos terapêuticos foram realizados em uma das salas correspondentes às dependências da UAMA. As supervisões, por sua vez, eram realizadas no Departamento de Psicologia da UEPB. O estágio teve a duração de um semestre, com início em Agosto de 2018 e término em Novembro do mesmo ano. Uma vez delimitados os eixos “Corpo” e “Tempo” como elementos de análise para elaboração do presente artigo, buscou-se fazer um recorte nos decursos para selecionar falas que estivessem alinhadas com esses temas e, a partir do material colhido, correlacioná-las com as produções bibliográficas previamente disponibilizadas.

“EU SÓ DEIXO DE EXISTIR QUANDO EU MORRER”: A VELHICE SOB A ÓTICA PSICANALÍTICA A PARTIR DAS VIVÊNCIAS DE UM GRUPO TERAPÊUTICO

Pensar na relação corpo *versus* tempo é algo que se presentifica em alguns momentos chave do desenvolvimento de uma pessoa. Seu ápice, porém, pode ser percebido especialmente na velhice, uma vez que o corpo já tem passado por diversas transformações, carregando infindáveis marcas à medida que esse sujeito vai experienciando sua relação consigo, com o seu entorno e com o mundo. Soma-se a isso as diversas enfermidades e limitações que podem manifestar-se tanto no âmbito físico quanto cognitivo, havendo um medo entre os idosos no que se refere à perda da saúde e das energias físicas, ou seja, à perda da qualidade de vida, como observado na fala de uma das idosas do grupo terapêutico, que afirma não querer de forma alguma perder sua saúde ao ponto de ficar acamada e sob o cuidado de outras pessoas, sem consciência. (PAPALIA; FELDMAN, 2012)

Sob a ótica psicanalítica, Mucida (2004) afirma que o corpo do envelhecido é acometido de muitas perdas, sem que haja esperanças de reaquisição do que foi perdido. Ao dizer que “*começa uma nova etapa depois dos 60*”, uma idosa transparece a afirmação de que “pequenas e continuadas mudanças vão se inscrevendo a partir da meia-idade; cabelos brancos, rugas, elasticidade da pele e, pouco a pouco, outras indicam ao sujeito que seu corpo não é mais o mesmo...” (MUCIDA, 2004, p. 111). Em contrapartida, um dos idosos afirma que com o passar do tempo o cérebro fica mais “recheado” de conhecimento, de sabedoria.

Um dos principais dilemas que se presentifica nesses discursos é a incongruência entre um inconsciente atemporal que se atualiza a todo instante, em um ideal de eternidade, que se depara com um corpo marcado pelo tempo; corpo este que apresenta para o sujeito o real do tempo que se esgota. Diante desse paradoxo, o sujeito busca meios para lidar com sua angústia, muitas vezes ilusionando seu corpo, como na fala de uma das participantes ao se olhar no espelho: *se eu soubesse teria me arrumado*. Desse modo o que se percebe é uma constante tentativa de negar ou mascarar isto que anuncia o fim, qual seja, a morte; e que o sujeito não se dá conta, como percebido quando duas participantes afirmam que não pensavam na velhice e de repente já estavam nela. (MUCIDA, 2004)

Estes relatos evidenciam a marca do tempo como elemento importante na constituição do sujeito; este está às voltas durante toda a vida, se inscrevendo de diferentes formas. O envelhecimento, nessa correlação, demarca um processo de esgotamento do tempo, e o enfrentamento da finitude apresentada ao sujeito; da quebra da ilusão de imortalidade. Essa visão se presentifica a partir de alguns saberes, como o discurso médico, ou do desenvolvimento, em que o tempo cronológico se inscreve no corpo através de parâmetros

como redução motora, cognitiva, de memória, de energia sexual, e outros; entendidos como perdas simbólicas que trazem uma concepção de degradação do corpo. Este corpo marca um tempo que passou e não volta, e um tempo que falta ao sujeito até a morte, a qual encerra o desejo, e a possibilidade de realizá-lo. (MUCIDA, 2004; PAPALIA; FELDMAN, 2012)

Em contrapartida, Freud nos apresenta um inconsciente que não segue uma lei de tempo cronológico; este inconsciente se funda através da inscrição de significantes pela intervenção de um Outro nesse sujeito, no período da infância, que se fixam como marcas na constituição do mesmo; estas marcas não se perdem, mas se inscrevem constantemente a partir de atualizações da mesma, demarcando a atualidade do inconsciente em cada sujeito. Portanto, embora o corpo mostre as marcas do tempo, o que se inscreve e se apresenta ao sujeito são sempre os mesmos traços de sua constituição. Com isso,

Freud reinscreveu a questão do sujeito sob uma perspectiva avessa ao desenvolvimento, demonstrando, com base nos conceitos de inconsciente, pulsão, repetição e realidade psíquica, que as primeiras marcas deixadas no sujeito pela intervenção do Outro não se perdem jamais e formam um conjunto que servirá de polo de atração para outros traços. (MUCIDA, 2004, p. 26)

Este caráter pode ser percebido através das falas dos participantes em que estes falam acerca do infantil, *“dou importância à criança interior que está sempre lá e aos sonhos, às vontades, que devem ser repassadas”*.

O envelhecimento, por atravessar o real do corpo e do tempo, traz questões ao sujeito com as quais ele tem que lidar e se posicionar frente a elas. Esse processo é percebido através do olhar do Outro, do espelho, de um discurso do Outro, que mostra ao sujeito estas marcas. Como a fala de um dos participantes, ao contar que estranhou muito a primeira vez que veio a UAMA, pois pensou *“que tanto de véi”*, explicando que *“você se vê”*, olhando para eles.

Dois pontos se apresentam ao sujeito diante disso, o desejo e a morte. Para a psicanálise, o desejo é uma constante no sujeito, que marcado pela falta, vive em busca do objeto de completude que está para sempre perdido; diante disso, o sujeito encontra objetos (concretos, pessoas, profissão, atividades, entre outros) alusivos ao objeto perdido, que satisfaça esse desejo. Quando a velhice se apresenta, traz para o sujeito junto a finitude do tempo, o encerramento da possibilidade de realização do desejo, como explicita Mucida (2004 *apud* COCETINO & VIANA, 2011). A mesma:

(...) destaca que o medo da morte, muito presente na cultura, está associado ao temor da perda do investimento libidinal. [...] A referida autora argumenta que a morte do desejo, isto sim, constitui o grande temor na velhice. A morte não é conhecida para o inconsciente humano de forma que é o medo da perda do desejo, que parece estar mais presente na velhice. (p.597)

Assim como com o tempo, este desejo se encerra pelo vislumbre da morte inevitável a todo ser humano. Isto pode ser evidenciado nas seguintes falas nos grupos terapêuticos: *“a roseira tem que ir atrás de formas de sobreviver, de formas de crescer, de furar menos, não maltratar e dar mais, até chegar o momento que a roseira for embora”*. Outra comentou acerca de seus sonhos afirmando que: *“não paro de sonhar, porque se parar de sonhar a gente morre”*. Outra, que *“a gente vai vivendo, achando que nunca vai morrer, e aí um momento a gente acorda, dá uma sacudida e fala: opa, perai. Chega os 50 e pensa: tô perto de morrer”*. Ela conta que não imaginava muito a velhice, mas é a vida. *“Num pulo, pronto, tô aqui”*. Um outro participante afirmou que *“a única certeza que a gente tem é a morte”*, que tinha muito medo dela, e que você vai ficando mais só com o tempo. Outro participante comentou que queria continuar até os 961 anos, o que mostra a insistência do desejo, e o peso da finitude humana sobre o sujeito.

Todas essas falas evidenciam que o sujeito se depara com estes significantes, tempo, corpo, velhice, e tantos outros ligados a estes, e se posiciona diante deles, ressignificando-os, de acordo com sua história e constituição. É por isso que algumas pessoas lidam com a finitude se isolando de amigos e da vida social, outros atravessam uma morte simbólica do corpo, o qual perde uma parte de si mesmo a cada dia e outros lidam ocupando este tempo que ainda resta, sem deixar brechas, como evidenciado nos discursos que perpassaram os encontros: atrás de sonhos à realizar, pessoas para cuidar, lugares para ir, um legado para deixar, na busca de lutar contra esse real que insiste, em falas como: *“não consigo ficar parada”*; *“não gosto de ficar só”*; *“preciso estar sempre fazendo alguma coisa”*; *“não paro em casa”*.

O que se percebe é que, na velhice, o corpo passa a ser o elemento onde se presentifica a questão da perda, não só em relação à morte, mas também ao decaimento de toda a potência desse sujeito, o que exige um constante trabalho de luto e remanejamento simbólico para que se possa encontrar novas formas de atualização (MUCIDA, 2004). Isso fica presente nos discursos de Carla ao afirmar que ainda é cheia de sonhos e que uma de suas felicidades é ser independente: *“eu posso viajar, sair, ir para igreja sem ter ninguém me perguntando para onde vou”*. Dessa forma, pode-se inferir que o manejo, frente ao real que se apresenta nas movimentações da vida, vai estar relacionado à maneira como a cadeia de significantes do sujeito foi inscrita, uma vez que:

Há um duplo efeito do simbólico sobre o sujeito, matar e vivificar. A estrutura simbólica inaugura diferentes formas de escrever a vida conforme o lugar que cada

significante ocupará na cadeia e a maneira como os significantes se combinam entre si em relação ao objeto em causa na fantasia” (MUCIDA, 2004, p.62).

Porém, é interessante frisar que nem tudo é simbolizável, há algo de real que sempre escapa, se fazendo presente nos discursos, atos, sonhos, etc. (MUCIDA, 2004). Podemos observar isso nas falas de Isabelle, quando a mesma comenta em um dos encontros que se acha uma palhaça, porque que sempre conta histórias em casa e todo mundo ri, mas em outro momento compartilha que as vezes responde a algumas pessoas afirmando: “*Não tô doente, [...] sou roseira velha, mas não tô caindo os pedaços não*”. Essa fala demarca o real da velhice, o real do corpo que padece diante de um sujeito que luta para se afirmar, mesmo que seja através de laços como o de ser “a palhaça”.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Em virtude dos fatos mencionados, o que se propõe através dos resultados obtidos na realização dos grupos terapêuticos com idosos é a reflexão acerca da subjetividade que não envelhece e que deseja, mas que é constantemente censurada pelos estigmas e pela primazia cultural da juventude. Envoltos num discurso social que determina seu corpo como enfraquecido e pela compreensão biológica que reafirma as perdas e desgastes causados pelo tempo, o sujeito – sem esperanças de recuperar aquilo que fora perdido – vê-se diante da necessidade de adaptação e enfrentamento.

A psicanálise, por sua vez, oferta um olhar para o ser humano que ultrapassa a perspectiva biológica. Ângela Mucida (2004), em consonância com o saber psicanalítico, reconhece o sujeito para além do corpo – sujeito este que é marcado por seus desejos, angústias e, em especial, pelas peculiaridades que permeiam sua interação com o Real. Nesse sentido, o trabalho realizado com os idosos nos grupos terapêuticos se pautou no reconhecimento de um inconsciente incessante e atemporal, bem como na compreensão de possibilidades e lugares para uma ressignificação desse sujeito idoso no âmbito acadêmico e social.

As vivências dos grupos terapêuticos viabilizaram um espaço livre de fala, o qual evidenciou o inconsciente que atravessa o corpo marcado cronológica e biologicamente. Através do discurso dos idosos participantes, foi possível reconhecer o desejo que, tendo sido inscrito no inconsciente desde a mais tenra idade, continua a acompanhar o sujeito até o fim de sua vida. Essa relação entre o sujeito e seu desejo vai pautar a interação entre o homem e o real, mantendo-o sempre em busca de um porvir. Tal fato anula, portanto, a ideia socialmente

compartilhada de que a aproximação que ocorre na velhice – entre o ser humano e a finitude da vida – torna-o símbolo de desvalor e inutilidade.

O trabalho realizado buscou salientar as potencialidades do sujeito na terceira idade e proporcionar a ressignificação dos tantos determinantes que permeiam essa fase da vida. Logo, torna-se fundamental a multiplicação de pesquisas e trabalhos que se proponham a analisar a construção social e cultural que favorece a persistência desse discurso excludente e dessa perspectiva que minimiza o sujeito idoso. Coloca-se, desta forma, o desafio de empreender e multiplicar atividades que atuem tanto na esfera social quanto subjetiva, por meio da implicação do próprio idoso frente às contingências que lhes são postas.

REFERÊNCIAS

BEAUVOIR, Simone de. **A velhice**. Tradução de Maria Helena Franco Monteiro. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1990.

COCENTINO, Jamille Mamed Bomfim; VIANA, Terezinha de Camargo. A velhice e a morte: reflexões sobre o processo de luto. **Rev. bras. geriatr. gerontol.**, Rio de Janeiro, v. 14, n. 3, p. 591-599, 2011. Disponível em: <http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1809-98232011000300018&lng=en&nrm=iso>. Acesso em 17 de maio de 2019.

FERREIRA, Olívia Galvão Lucena; MACIEL, Silvana Carneiro; SILVA, Antonia Oliveira; SÁ, Roseana Christina da Nova; MOREIRA, Maria Adelaide Silva P.. Significados atribuídos ao envelhecimento: idoso, velho e idoso ativo. **Psico-usf**, São Francisco, v. 15, n. 3, p.357-364, dez. 2010. Disponível em: <<http://www.redalyc.org/articulo.oa?id=401036083009>>. Acesso em 15 de maio de 2019.

LACAN, Jacques. O estádio do espelho como formador da função do eu. In: **Escritos**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1998.

MUCIDA, Ângela. **O Sujeito Não Envelhece**: psicanálise e velhice. Belo Horizonte: Autêntica, 2004, 232 p.

PAPALIA, Diane E.; FELDMAN, Ruth Duskin. **Desenvolvimento Humano**. 12ª Ed. Porto Alegre: Mc Graw Hill/Artmed, 2013.